

Ministério da Educação
7º Prêmio Professores do Brasil

Tatiane Kaspari

MINHA VIDA EM REVISTA

Bom Princípio, outubro de 2013

Tatiane Kaspari

MINHA VIDA EM REVISTA

Relatório de experiência pedagógica
– realizada na Escola Estadual de
Ensino Médio Monsenhor José
Becker – como requisito para a
participação do 7º Prêmio
Professores do Brasil.

Bom Princípio, outubro de 2013

Resumo

Alguns versos e uma profunda verdade está revelada no oculto da poesia: “Ai, palavras, ai, palavras/ Que estranha potência a vossa!/ Todo o sentido da vida/ Principia a vossa porta”. Compreender o poder da linguagem – expresso no excerto acima, de Cecília Meireles – e saber usufruir dele constitui uma necessidade incontestável ao sujeito que se quer crítico e participante das práticas sociais. Entretanto, embora a sala de aula costume ser o espaço privilegiado da leitura e da escrita, essas habilidades só podem ser desenvolvidas de fato se houver o interesse e a mobilização dos alunos no processo de aprendizagem.

Nesse sentido, foi elaborado o projeto “Minha vida em revista”, que proporcionou a alunos de primeiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual Monsenhor José Becker a elaboração de uma revista de temática à sua escolha, a fim de, através de uma experiência didática que favoreça a autonomia e a identificação do jovem com os textos e o assunto trabalhados, promover o aprimoramento da interpretação e da expressão linguística dentro dos limites estruturais de cada situação de comunicação.

No processo de composição da revista, privilegiou-se o estudo dos gêneros textuais, os quais, por sua vez, mobilizaram conteúdos gramaticais diversos – variação linguística, ortografia, sinonímia, translineação, entre outros. A aprendizagem, no entanto, não se limitou a questões conteudistas; muito além disso, esteve imbricada à produção dos gêneros uma série de aspectos atitudinais imprescindíveis ao adolescente, que está construindo sua identidade e re-formulando sua maneira de interpretar e vivenciar as experiências sociais cotidianas. Assim, o projeto fomentou o desenvolvimento da autonomia por meio da pesquisa – em reportagens, dicas de vídeo e resenha crítica, por exemplo –, a interação social – na realização da entrevista, da enquete e da carta do leitor – e a alteridade – como na troca de saberes durante a revisão dos textos e a formatação da revista. Todos esses aspectos contribuíram para o êxito do projeto, que teve significativa repercussão no ambiente escolar, pois, além da construção satisfatória da aprendizagem da turma, houve um interesse grande dos demais alunos da instituição em ler e locar as revistas produzidas, acentuando a valorização do trabalho dos discentes do primeiro ano.

Sumário

Minha vida em revista.....	5
Por onde começar? O contexto de leitura e de escrita na Escola Estadual de Ensino Médio Monsenhor José Becker.....	6
Redação a todo vapor.....	7
A prova de fogo: o lançamento da revista.....	10
Referências bibliográficas	11
Anexos	12

Minha vida em revista

“Aprendi (...) que sei ser calma e persistente”¹

Um universo repleto de atrativos tecnológicos ultrarrápidos, com jogos que promovem a pronta promoção para a próxima fase *versus* um ambiente em que as atividades visam a um desenvolvimento gradativo e, por vezes, lento. Como fazer com que o adolescente eleja direcionar seu interesse para a segunda opção?

A pergunta que propus diante do planejamento de minha prática na turma de primeiro ano do Ensino Médio não é original, tampouco nova. Quando transposta para a área das Linguagens, reveste-se de ainda maior dramaticidade diante da aversão da maioria dos alunos à leitura e dos sérios problemas de coesão e de coerência na escrita de textos.

Nesse contexto, os gêneros textuais surgem como uma possível resposta aos problemas de ordem linguística, mas é necessário que eles alcancem o estatuto de objeto de estudo, como propõem Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz², transpondo a barreira da total artificialidade com que muitas vezes são abordados em sala de aula. Dessa maneira, é necessário que sensibilizem o jovem, despertando sua atenção e permitindo que ele veja os textos que produzirá como veículo de expressão pessoal e de compreensão do mundo.

Essa perspectiva vem ao encontro das principais leis e diretrizes da Educação³ em nosso país, em que a comunicação é considerada a propriedade fundamental da Língua Portuguesa. Segundo os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais –, a área das Linguagens deve levar o aluno “...a um saber linguístico amplo, tendo a comunicação como base das ações”⁴. Em outras palavras, trata-se de fazer transcender o conteúdo gramatical, usando a produção textual como via de conhecimento e de autoconhecimento – como no caso da aluna que reconheceu sua persistência, característica fundamental para a realização profissional e pessoal.

No planejamento de minha ação pedagógica, algumas etapas foram cumpridas:

- a) anamnese das práticas de leitura e de escrita dos alunos da turma e de seus familiares;
- b) delimitação clara dos objetivos a serem alcançados;
- c) seleção dos gêneros textuais que viabilizassem o desenvolvimento dos conteúdos e das habilidades desejadas;
- d) realização de avaliações contínuas e progressivas, considerando questões atitudinais, sem considerar o resultado final como indicador absoluto do rendimento do aluno.

¹ Frase da aluna Caroline Beatriz Schwaikartt constante de sua autoavaliação (Anexo 1). Obs.: Todas as frases e textos reproduzidos neste relatório mantêm a grafia original do aluno.

² SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ Joaquim. 1999. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde11/rbde11_03_bernard_e_joaquim.pdf. Acesso em 10 out. 2013.

³ Veja-se, por exemplo, o artigo 36 da LDB – Lei de Diretrizes e Bases –, disponível no endereço <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>.

⁴ PCNs, 2000, p. 138.

Por onde começar? O contexto de leitura e de escrita na Escola Estadual de Ensino Médio Monsenhor José Becker

“Fiquei mais atento às notícias e tudo o que ocorre no mundo (...)”⁵

Algumas tardes de convivência com os quarenta alunos da turma 101⁶, da Escola Estadual de Ensino Médio Monsenhor José Becker, já foram capazes de revelar um perfil bastante semelhante entre os jovens de classe média e média-baixa: um uso intenso de eletrônicos e um consumo quase nulo de livros. Em pesquisa realizada com os discentes – todos residentes em Bom Princípio, cidade do interior do Rio Grande do Sul, com quase doze mil habitantes –, constatou-se que a média de livros lidos por eles a cada ano era inferior a três. O índice não melhora quando se analisam os hábitos de leitura dos pais (18% dos adolescentes afirmaram não os verem lendo nunca ou raramente).

É importante ressaltar, porém, os resultados positivos da pesquisa. Os jovens afirmam receber incentivo para a leitura, de tal maneira que apenas um aluno relatou que, quando criança, não lhe agradava a leitura e audição de histórias. Atualmente, alguns demonstram grande afeição por livros – 15% – e mais da metade – 63% – diz ler frequentemente revistas de seu interesse. Em relação aos familiares, o índice de leitura também se eleva quando considerados periódicos (50% leem exclusivamente jornais e/ou revistas).

A coleta dessas informações apontou para a necessidade de incorporar a leitura frequente na rotina dos alunos e fez visualizar a possibilidade de utilizar o interesse dos adolescentes por revistas a favor de seu aprendizado. Assim, após a análise de textos de sondagem produzidos pelos alunos, emergiu o objetivo principal do projeto, que consistia em *promover a produção de textos dentro dos limites estruturais dos variados gêneros relacionados ao suporte “revista”, proporcionando a expressão pessoal e o aprimoramento da leitura e da escrita.*

As atividades foram desenvolvidas no período de 29 de abril a 19 de agosto do corrente ano, aproveitando toda a estrutura do colégio e estendendo-se ao ambiente extraescolar. Na biblioteca, foram realizadas pesquisas especialmente no acervo variado de revistas – que engloba desde produções voltadas a áreas técnicas a periódicos de consumo juvenil, como *Mundo Estranho*, *Super Interessante* e *Capricho* –, que serviu de inspiração para os adolescentes. Também o pátio da escola foi utilizado para a elaboração de textos e montagem das revistas, assim como o laboratório de informática⁷.

Esses espaços foram, ainda, complementados pelas atividades no ambiente extraclasse, havendo a visita de alunos a ambientes de trabalho variados, como consultórios, rádiotransmissoras, pistas de skate, empresas etc. Esse contato permitiu a muitos uma primeira experiência com a profissão por que se interessam, além de trabalhar com a desinibição e a sociabilidade, como revela a autoavaliação de Adriane Henz: “Minhas dificuldades foram na hora de fazermos a entrevista e a manchete [a aluna quis referir-se à enquete], pois na hora fiquei muito nervosa. Mas, foi uma experiência boa.” (anexo 3).

⁵ Frase do aluno Wesley Warken constante de sua autoavaliação. (Anexo 2).

⁶ O trabalho foi realizado também, com adaptações, nas turmas de primeiro ano noturno.

⁷ Como o laboratório apresenta somente vinte computadores, alguns alunos optavam por trazer de casa notebooks e tablets.

Redação a todo vapor

“(…) eu adoro escrever o que sinto e o que vivo, entendo como uma forma de crescimento pessoal e amadurecimento.”⁸

Considerando a indissociabilidade da leitura e da escrita, a execução do projeto iniciou com uma missão: ler, por um mês, todos os dias, uma notícia ou reportagem – em meio eletrônico ou impresso –, copiar a manchete e trazer para o debate em sala de aula. Esse primeiro contato com um periódico teve por objetivo, além de intensificar o contato dos educandos com temas da atualidade, fazê-los incorporarem marcas linguísticas e traços estilísticos dos veículos de comunicação.

Concomitantemente a essa atividade, optei por começar a análise e a produção de textos – conjugada a aspectos gramaticais –, baseada em objetivos específicos:

- promover a autonomia por meio de atividades que permitam o livre-arbítrio – como a eleição de uma temática para a produção da revista – e que exijam pesquisa e responsabilidade do aluno – como a seleção de textos para integrar o trabalho;
- reconhecer a diferença entre as sequências tipológicas, a partir do estudo de marcas linguísticas da argumentação, da descrição, da exposição, da narração e da injunção;
- desenvolver a sensibilidade e a capacidade de interpretação de textos verbais e visuais, identificando traços delimitadores do gênero em questão;
- aprender as normas de acentuação e de emprego do hífen segundo a Nova Ortografia, empregando-a nos textos da revista;
- analisar as variantes linguísticas e discernir a situação adequada de emprego de cada uma, distinguindo, especialmente, em relação às marcas linguísticas da oralidade e da escrita, na transcrição da entrevista;
- desenvolver o senso crítico em relação a textos de terceiros e de autoria própria, refletindo sobre o seu conteúdo e a forma de utilização da linguagem;
- proceder à identificação e compreensão dos principais aspectos falhos de seu processo de escrita – como a incorreção ortográfica, a redundância e a falta de coerência –, mobilizando-se para corrigi-los;
- aguçar o senso estético através da disposição harmônica dos textos e imagens na revista e da boa apresentação visual do trabalho;
- transpor resultados da enquete à forma gráfica, utilizando programas como Excel ou Word ou realizando os cálculos de maneira manual;
- dominar ferramentas de informática básicas na escrita, inserção de imagens e formatação de textos;
- promover a desinibição e a interação social por meio da realização de enquete, da escrita da carta do leitor e de entrevista com profissional vinculado à temática da revista;

⁸ Frase da aluna Letícia M. Borges constante de sua autoavaliação. (Anexo 4).

- incitar o espírito colaborativo, por meio da revisão das produções dos colegas e do auxílio na seleção e formatação dos textos e imagens;
- desenvolver a autoestima diante da valorização de seu trabalho exposto na biblioteca e manuseado por turmas como leitura após a realização de provas.

A longa lista de objetivos demandou longo período de trabalho e a realização de muitas atividades de produção. A redação dos textos durante todo o percurso – realizado de maneira mais rápida por alguns e mais lenta por outros – foi precedida pelo estudo prévio do gênero a ser elaborado, cuja seleção obedecia aos critérios de complexidade, de pertinência e de atratividade. Assim, iniciou-se o trabalho com textos curtos e mais interessantes aos educandos, como a carta do leitor (anexo 5) e dicas de vídeo. Além de desenvolver a criticidade do aluno, esses gêneros possibilitaram a valiosa experiência da correção coletiva, que, preservando a identidade dos redatores, promoveu a reflexão dos alunos quanto à expressão linguística, demandando um esforço de identificação dos problemas e potencialidades dos textos da turma. Tal prática foi mobilizada especialmente por se verificar que certos aspectos, como a repetição vocabular e a incorreção ortográfica, eram frequentes nos textos de toda a turma e pôde-se verificar uma diminuição significativa dessas ocorrências nas produções posteriores.

Superada a etapa inicial de delimitação dos temas – que variaram desde música, moda e *skate* a política e economia – e de escrita dos primeiros textos, passou-se a gêneros mais extensos, como a entrevista. Ressalte-se que os textos-base, cuja estrutura servia de base para as produções dos alunos, buscavam despertar seu interesse também pela temática. No caso da entrevista, selecionei uma com o jogador Neymar no início de sua carreira. A identificação dos estudantes, especialmente rapazes, facilitou o estudo e os motivou a elaborar as perguntas que fariam.

Um dos aspectos frisados durante o estudo desse gênero foi a gênese oral, que demandou dos alunos uma interação verdadeira, que ultrapassou o automatismo de um questionário respondido verbalmente. A entrevista teve de ser gravada e discentes foram incentivados a acrescentar, no momento de sua realização, perguntas que fossem convenientes e que compactuassem com respostas dos entrevistados.

Sucessivo à gravação da entrevista, o processo de transcrição requereu a eliminação de marcas exclusivas da oralidade, como hesitações, além da estruturação do texto conforme o cânone jornalístico. O resultado foi textos com grande qualidade, como no anexo 6.

Como o projeto visava também a expressão particular dos alunos, uma das propostas que se seguiu foi a escrita de um texto livre. Embora essa prática seja muitas vezes condenada por não apresentar um objetivo claro, dentro do projeto, visava atribuir ao aluno a liberdade de escolher a forma textual que melhor lhe permitisse extravasar seus pensamentos, opiniões e sentimentos.

De um modo geral, predominaram depoimentos e textos de reflexão sobre temas universais. Muitos deles apresentavam os problemas típicos dos adolescentes, como conflitos com a família e com os amigos. Um, entretanto, chamou a atenção pela profundidade de seu desabafo: tratando sobre a automutilação, ele aponta para uma experiência pessoal angustiante e evoca uma reflexão séria sobre o tema. O trecho “Muitos que começam com isso, não conseguem mais parar, se cortam uma, duas, três vezes, e assim sucessivamente

(...). E a sociedade? Só sabe julgar, colocar para baixo, chamar de idiota, burra, louca.”, extraído do texto constante do anexo 7, apresenta uma visão que foge ao senso comum. O texto se torna vivo, palpitante, na medida em que traz à tona sensações experienciadas pelo autor do texto e/ou por pessoas próximas a ele e se torna via de declaração de um desejo de mudança: “(...) você que tanto julgam as pessoas que fazem isso, *pare, e ajude, porque* o que elas mais precisam é de atenção.”. Nesse contexto, apenas um texto livre é capaz de permitir que o aluno se torne íntimo da linguagem e, por meio dela, reconstitua e re-elabore⁹ suas vivências mais profundas. Escrever, assim, se torna sinônimo de autoconhecimento e a vida passa a ser revista.

Obviamente, a produção de textos não deve se restringir a redações livres, mas elas não precisam ser totalmente abolidas do contexto escolar. Assim, a escrita dirigida de outros gêneros foi mesclada a de produções independentes. À sequência da entrevista, seguiram a resenha crítica de um livro literário cuja leitura ocorreu durante o trimestre (exemplo no anexo 8) e o editorial.

Especialmente neste último gênero, os jovens foram desafiados a apresentar sua revista e defender sua qualidade, além de determinar o nível de linguagem conforme o público leitor. Diante disso, novamente, exigiu-se do adolescente a ponderação quanto à variedade linguística mais adequada a ser empregada. Muitos acabaram por se surpreender que expressões como “hey, galera” e “botando muita boyband no chinelo” são adequadas em um texto voltado a jovens apreciadores de rock n’roll, desde que harmonizadas com o conjunto da expressão linguística (texto na íntegra no anexo 9). Houve, também, quem optasse por um editorial escrito de acordo com a variedade padrão, mas com um toque diferencial dado pela evocação de sentimentos ou de imagens poéticas, como ocorre no texto de anexo 10, em que a descrição inicial confere-lhe originalidade e garante o interesse do leitor.

Enfim, a última etapa na elaboração da revista consistiu na montagem do sumário e da capa e na formação. Foram analisados vários exemplos, estudando-se a importância dos textos verbais enquanto chamariz para a revista, mas também como complementadores e/ou diferenciadores do conteúdo verbal. Nessa etapa, houve grande colaboração entre os alunos, como revela a autoavaliação de Fabiano Vogel (anexo 11): “No final do trabalho me surpreendi com a revista pois ficou muito legau e pude fazer algo que gosto que é editar imagens, assim também pude ajudar meus amigos com suas capas.”.

Além da capa, o sumário e a composição de gráficos a partir dos resultados da enquete demandou bastante dedicação de alguns alunos, aos quais foi necessário assessorar na utilização de ferramentas básicas do *word*, como a inserção de imagens e de caixas de textos, a alteração da fonte, o alinhamento e a disposição do texto em colunas. Os demais estudantes, que detinham maior conhecimentos na área da informática, valeram-se de programas como *Corel Draw* e ensinaram colegas a utilizá-lo, resultando em capas muito bem elaboradas e atrativas, como no anexo 12.

Ressalte-se, entretanto, que alguns poucos alunos optaram por imprimir seus textos e fazer a montagem de sua revista de maneira manual ou ainda compô-la predominantemente de textos redigidos a mão (como no anexo 13). Essa alternativa foi oferecida aos estudantes devido ao número insuficiente de computadores na

⁹ Embora a Psicanálise privilegie a expressão oral como ferramenta terapêutica, é comum, como no caso apontado, uma resistência de adolescentes a um tratamento psicológico. Nesse contexto, ainda que não substitua a terapia, a expressão escrita, ainda que silenciosa, ameniza o sofrimento por meio do desabafo, podendo auxiliar o jovem na superação de seus problemas.

escola e ao fato de eles não os possuírem em casa. Entretanto, foi assegurado a todos o direito de manusear os equipamentos da instituição e foi orientado que algumas produções, como a entrevista, fossem digitadas, a fim de garantir que os estudantes entrassem em contato com os comandos básicos na escrita e formação textual. O anexo 14 comprova, todavia, que os trabalhos manuais não perdem em qualidade e ainda aguçam a criatividade e o senso estético tal qual as produções que emergiram do uso da informática. Em outras palavras, a originalidade não está imbricada ao uso das tecnologias, mas ao poder criativo da mente humana sobre os materiais que o indivíduo tem à sua disposição.

A prova de fogo: o lançamento da revista

“É maravilhoso ver seu trabalho pronto depois de tanto esforço”¹⁰
“Vi que sou capaz de produzir algo meu, que eu gosto tendo um pouco mais de esforço.”¹¹

Especialmente ao propor um acompanhamento contínuo das produções dos alunos, o professor propõe ao discente o desafio de aprimorar, de não se contentar com uma versão textual desatenta ou superficial. De um lado, esse fato gerou desconforto em alguns estudantes, que revelaram se sentir mais *seguros* com avaliações mais tradicionais, como provas. Por outro lado, porém, muitos estudantes conseguiram visualizar sua evolução e contemplar o resultado final de seu trabalho com admiração, uma vez que demandou muito esforço. Exemplificam essa afirmação as impressões registradas nas autoavaliações dos alunos, como na seguinte frase de Lidiane Caroline Orth: “o texto que mais gostei acaba sendo do editorial, porque como “queimei” muitos neuronios fazendo para mim foi bem legal” (anexo 17).

Entretanto, ao sugerir esse processo ininterrupto e progressivo de avaliação, o docente propõe também a si mesmo um trabalho hercúleo, de intensas leituras e correções. Trata-se de uma proposta de risco, de persistência, de desacomodação. Está intimamente relacionada à aprendizagem de desenvolvimento de que trata Luckesi, que representa “o ‘mais’, o que vai para além do estritamente necessário, [...] o criativo”¹². Solicitar a reescrita de textos é pressupor que o aluno conseguirá, mais do que meramente corrigir erros pontuais, evoluir de uma maneira que ele próprio não sabia ser capaz. Significa ajudá-lo a aprender com os erros sem o amargo da punição constante, evitando rotular a reescrita como *um castigo a quem não sabe escrever direito*.

Por fim, levar a cabo um projeto que exige tempo, paciência e persistência tanto dos alunos quanto do docente, pressupõe, acima de tudo, a confiança do professor no poder dos adolescentes de superar expectativas. Houve momentos de desânimo de ambas as partes, mas prevaleceu a confiança no aprendizado mútuo – afinal, o contato com temáticas não habituais em meu dia a dia também enriqueceu e ensinou a mim.

¹⁰ Frase da aluna Amanda Caroline Bohn constante de sua autoavaliação. (Anexo 15).

¹¹ Frase da aluna Eduarda Heck Schons constante de sua autoavaliação. (Anexo 16).

¹² LUCKESI, Cipriano. Avaliação da aprendizagem: domínio e/ou desenvolvimento? Disponível em: http://www.luckesi.com.br/textos/abc_educatio/abceducatio_54_dominio_e_desenvolvimento_260620_06.pdf. Acesso em 27 out. 2013, p. 2.

As revistas ficaram expostas na biblioteca da escola, junto às outras do acervo (anexo 18). Segundo a coordenadora pedagógica – que também atua como bibliotecária –, os trabalhos foram muito visualizados pelos alunos das demais séries, que, inclusive, pediram para retirá-las. A fim de evitar o dano aos trabalhos, o empréstimo só foi realizado com autorização do aluno produtor, o que gerou um orgulho disfarçado em muitos estudantes. Essa sensação de êxito e de apreço ao trabalho é um fator fundamental para a não evasão (vide declaração no anexo 19) e a motivação do estudante. Mesmo os alunos que tiveram de refazer a revista como trabalho de PPDA – Plano Pedagógico de Desenvolvimento da Aprendizagem – não se sentiram diminuídos. Como afirma o aluno Matheus K. Fussieger, “não consegui com que ela ficasse boa, mas posso melhorar.” (anexo 20).

Ao cabo, é isso que se deseja: que o aluno que não apresentou um rendimento adequado se sinta capaz de melhorar, espelhando-se no êxito dos demais. Desse projeto, restam, portanto, os resultados de um trabalho recompensador e as lembranças de um trajeto traçado em conjunto, à base de muitas leituras e de muitas (re)escritas.

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais (PCNS)**. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Ensino Médio. 2000. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf. Acesso em 10 out. 2013.

DIVERSIDADE TEXTUAL: os gêneros na sala de aula. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/39256094/DIVERSIDADE-TEXTUAL-os-generos-na-sala-de-aula>. Acesso em 26 out. 2013.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem**: domínio e/ou desenvolvimento? Disponível em: http://www.luckesi.com.br/textos/abc_educatio/abceducatio_54_dominio_e_desenvolvimento_26062006.pdf. Acesso em 10 out. 2013.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ Joaquim. **Os gêneros escolares**: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. 1999. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde11/rbde11_03_bernard_e_joaquim.pdf. Acesso em 10 out. 2013.

Anexos

Anexo 1

Caroline Beatriz Schwaikardt

Durante a produção da revista, descobri que posso ser muito melhor a cada dia, que sei ser calma e persistente, adorei poder escrever algo que sentia e não conseguia por "pra fora".

Um dia, passei noites sem dormir, também me estressei e discuti por que estava com sono.

Apreendi que se não for atrás não vou estar pronta para o futuro

Anexo 2



Gostei muito de fazer a revista, pois fiquei mais atenta as notícias e tudo o que ocorre no mundo foi muito divertido.

Meu melhor texto foi de toda das 10 animações que escolhi mais que me ajudou pelo caminho, pois era muito curioso. Gostei muito de fazer a capa, acho muito legal como ficou e a única dificuldade foi na impressão, pois vários números e imagens ficaram apagadas.

Anexo 3

Adriane Herz

43

101

Bem, para ser bem sincera, esta experiência foi bem interessante, ela me fez pensar muito nos dias de hoje.

Um dos meus melhores textos foi "A importância da saúde para minha vida", pois me fez refletir muito no que temos que ter para uma boa saúde.

Minhas dificuldades foram na hora de fazer a entrevista e a manchete, pois na hora fiquei muito nervosa.

Mas, foi uma experiência muito boa.

Anexo 4

Betúcia M.B.

Meu texto preferido na minha revista foi a produção textual livre pois é algo bem pessoal, e eu adoro escrever o que sinto e o que vivo, entendendo como uma forma de resumo pessoal e um documento. Os aspectos positivos para nós com a produção da revista são cumulativos, como desenvolver a pesquisa, a ordem e o interesse. As principais dificuldades foram para fugir de tudo e focar na revista, sempre tinha um filme, um jogo, o chat do face, o tumblr, o celular vibrava e chamava a atenção. =P

Anexo 5

Carta dos leitores

Gostei bastante da matéria "Um monstrinho chamado ciúme" por que fala sobre relacionamentos seja com irmãos, pais ou namorados. Esses variados tipos de ciúme aparecem diariamente. O texto comenta bastante sobre como controlar-se em casa situação de ciúme, também nos informando quais motivos mais constantes que o-causam. Eu curti muito o texto, pois informa sobre o monstrinho que o ciúme realmente é.

J.D, 15 anos (RS)

Gostei bastante da matéria "Um monstrinho chamado ciúme" por que fala sobre relacionamentos seja com irmãos, pais ou namorados. Esses variados tipos de ciúme aparecem diariamente. O texto comenta bastante sobre como controlar-se em casa situação de ciúme, também nos informando quais motivos mais constantes que o-causam. Eu curti muito o texto, pois informa sobre o monstrinho que o ciúme realmente é.

J.D, 15 anos (RS)

A reportagem "Operação resgate" acrescenta muito nos meus conhecimentos sobre a pele. Além de expor problemas que nossa pele enfrenta diariamente, apresenta soluções fáceis e praticas de serem aplicadas sobre a mesma para deter manchas, sardas e acne. Apresenta soluções também para os cabelos. Gostei muito da matéria pois ela não se alonga e é de fácil entendimento. Gostaria de poder ler mais reportagens sobre o assunto, pois as vezes inventamos coisas para tratar da pele e do cabelo e na maioria das vezes, não acaba ajudando.

A.C.B., 15 anos (RS)

Gostei bastante da matéria sobre "Operação resgate" pois fala dos cuidados que devemos ter com o rosto em relação as sardas, pele desidratada e acne. Achei interessante a solução para cabelos "sem vida" e cacheados. Tem varias soluções que não conhecia ainda, acho que a revista deveria investir mais nesse tipo de matéria, por que é sempre bom termos dicas boas e fáceis de beleza.

F.K., 17 anos (RS)

A reportagem "Operação resgate" acrescenta muito nos meus conhecimentos sobre a pele. Além de expor problemas que nossa pele enfrenta diariamente, apresenta soluções fáceis e praticas de serem aplicadas sobre a mesma para deter manchas, sardas e acne. Apresenta soluções também para os cabelos. Gostei muito da matéria pois ela não se alonga e é de fácil entendimento. Gostaria de poder ler mais reportagens sobre o assunto, pois as vezes inventamos coisas para tratar da pele e do cabelo e na maioria das vezes, não acaba ajudando.

A.C.B., 15 anos (RS)

Anexo 6

ENTREVISTA COM UMA GRANDE ESTRELA DE BOM PRINCÍPIO

“Música, antes de tudo, é o meu elixir. É o que me faz viva, me mantém de pé, mantém meu sorriso no rosto.”

Sophia Dessotti aos 19 anos ingressou no Curso de Graduação em Música: Licenciatura. Agora, com 21 anos a música é a sua profissão é o que estimula ela a sempre estar estudando, por que na música nunca se sabe tudo, sempre esta se aprendendo. Comenta que o seu interesse pela música não surgiu de repente, ele nasceu com ela, desde pequena Sophia já acompanhava seus pais nos bailes, nos ensaios, nas orquestras. Argumenta que a música a faz triste quando ela quer chorar, que empolga a quando quer animar e a traduz quando não sabe o que falar.



Quais as influências que a música traz a sua vida?

A música me faz triste quando o que eu quero é chorar, me empolga quando eu quero animar, me traduz quando eu não sei o que falar... a música faz parte de mim. Eu vou trabalhar ouvindo música, tomo banho ouvindo música, escrevo ouvindo música, sempre que tenho tempo toco meus instrumentos para relaxar. Nunca precisei ir a terapeuta ou qualquer tipo de tratamento alternativo para me auto resolver, e eu atribuo isso à minha relação com a música.

Você gosta de reggae? Quais as suas bandas preferidas?

Eu ouço muito Reggae. Bob Marley é o que mais ouço, mas também curto Jimmy Cliff, UB40, The Police, Matt Costa e Bem Harper. Agora tem uma banda nova que é os Soldiers Of Jah Army (SOJA). O som deles é muito bom, seguem bem a linha original do reggae.

Você toca algum instrumento musical? Qual?

Meus instrumentos se separam em categorias, os de coração e os de obrigação. Os de coração são o clarinete e a flauta transversal; os de obrigação são o violão e o teclado. Amo tocar teclado e violão, só que não são os instrumentos aos quais me dedico e ensaio tanto quanto os de coração, então (antes que alguém me peça para tocar teclado ou violão em alguma festinha) eu prefiro dizer que não os toco.

Para alguém que queira começar a carreira musical, qual o instrumento que você indica por início de aprendizagem?

O instrumento básico e acessível tanto financeiramente quanto com relação a cuidados é a flauta-doce. Porque com ela se inicia a leitura musical e a prática. Mas para se ter um conhecimento maior de melodia e harmonia eu indico o teclado, porque é um

instrumento que também pode ser didático e tem mais possibilidades musicais. Contudo o teclado é mais caro, muito mais caro que uma flauta-doce.

O que você acha das pessoas que têm preconceitos em relação à música e aos artistas?

Preconceito é um assunto muito particular, afinal envolve opiniões e educações. Eu prefiro me limitar dizendo que hoje no mundo nós temos música para todos os gostos e personalidades, não há motivos para julgamentos ou condenações com determinados estilos. Se não gosta simplesmente não ouve e ponto.

O que você acha das pessoas que tem dreads?

Dreadlock é mais um dentre tantos estilos de se fazer o cabelo. Não faria nos meus, porque imagino o trabalho que dá quando não se quer mais tê-los, mas admiro quem faz, exige coragem.

Você acha que existe algum preconceito com as pessoas que tem dreads?

Pode ser que exista, sim. Mas preconceito é uma coisa que não deve tomar nosso tempo, deixa isso pra quem tem preconceito. Quem é jovem, feliz e tem espírito leve não precisa se prender a conceitos ou julgamentos. Tem gente que tem preconceito de tudo: de risada, de brinco, de cabelo, de tatuagem... totalmente desnecessário.

Você acha que o reggae faz apologia ao uso de drogas?

Tem quem use o reggae para fazer apologia à maconha. Mas é de suma importância que fique claro a todos que gostam de reggae (e aos que não gostam também) que o objetivo do reggae é ser um louvor ao deus Jah. A música reggae só ficou popular graças a cantores como Bob Marley e Jimmy Cliff que tiraram o gênero dos limites da Jamaica e disseminaram pelo mundo. A única apologia que o reggae faz é à paz e à natureza.

O que você acha do rei do reggae?

O rei do reggae deve ser o Bob Marley. Para mim ele é quem conseguiu resumir todas as intenções do reggae nas suas letras e melodias.

Qual a sua opinião sobre o reggae?

O reggae é a música que eu ouço quando vou à praia e quando começam a chegar aqueles dias de calorzinho de final da primavera e início do verão!

Automutilação

Muitas meninas e meninos se automutilam por problemas que estão enfrentando na adolescência, seja por problemas em casa, com a família, amigos, e no relacionamento ou até com seu corpo.

Se automutilar é um ato de tentar colocar para fora aquilo que está dentro de você, tristezas, brigas, raiva, e sim realmente ajuda, porque muitos não tem com quem contar, ou em quem confiar, então se automutilam para se sentirem melhor.

Um exemplo é a cantora Demi Lovato, mundialmente conhecida, ela se internou em uma clínica de reabilitação, pois sofria de transtornos alimentares, e se automutilava, ela se recuperou e agora é um exemplo para milhares de adolescentes no mundo inteiro.

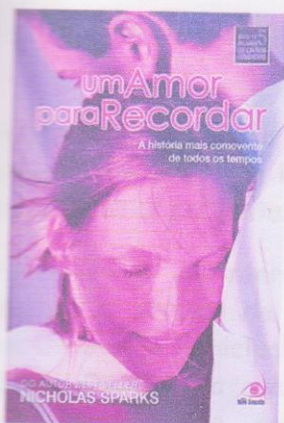
Muitos que começam com isso, não conseguem mais parar, se cortam uma, duas, três vezes, e assim sucessivamente, cortes maiores, mais profundos, mais grossos, em todas as partes do corpo. E a sociedade? Só sabe julgar, colocar para baixo, chamar de idiota, burra, louca.

Depois que viciou, é difícil parar, você já não tem mais controle, você se sente sozinho, em um mundo vazio e escuro, a vontade vem... Você lembra que prometeu para sua mãe, namorado, amigos que ia parar, mas não consegue e se corta novamente. Nunca pense em se cortar, porque vicia. Você passa a se cortar quase todo dia, por qualquer motivo, seja uma briguinha qualquer.

A automutilação é uma doença, então você que tanto julgam as pessoas que fazem isso, pare, e ajude, porque o que elas mais precisam é de ATENÇÃO.

Não pense em esquecer!

Letícia Mayer Borges



SPARKS, Nicholas. *Um Amor Para Recordar*. Ribeirão Preto-SP, Editora Novo Conceito, 2011. 184 p.

Nicholas já foi considerado diversas vezes o número 1, com mais de 50 milhões de cópias vendidas dentro e fora dos Estados Unidos, sendo seus livros traduzidos em mais de quarenta idiomas. Seus maiores romances foram adaptados para filme, como

A última música, Querido John, Noites de tormenta, Diários de uma paixão e inclusive *Um amor para recordar*.

Um amor para Recordar, de Nicholas Sparks, lançado pela Editora Novo Conceito, com quase 12 mil cópias vendidas, garantiu o 2º lugar no ranking dos livros mais vendidos no mês de junho do ano passado. Com uma história de amor diferente, trata de um garoto rico que acaba se apaixonando pela filha do reverendo da igreja em que ele frequenta, uma paixão jamais imaginada pelos dois que nos ensina a dar valor ao que as pessoas são, sem levar tão em conta aparências. Graças a uma peça de Natal organizada pela turma que está se formando na cidade de Beaufort, Jamie e Landon começam a conversar melhor, apesar de terem estudado a vida inteira juntos.



Como todos os livros do autor, este não foge à regra, é um sucesso que emociona adolescentes e adultos por todo o mundo, um livro que prende o leitor, que nos faz querer saber o destino do casal, e entender o porquê das atitudes de Jamie. Esta obra nos traz uma bela lição de dar valor às pessoas e aproveitar todo o tempo possível com quem amamos.

CHAMADA GERAL



Hey, galera, receba os cumprimentos da equipe da revista Evolution Rock. Primeiramente, agradecemos por comprá-la, esperamos agradar! Uma revista que vem com toda a força do metal, a melodia do hard core, e harmonia do alternativo, com a inovação do new metal e do industrial, sem esquecer-se da tradição do clássico...

Nesta edição, trazemos a biografia de uma das maiores bandas da história, que em 2013 está completando 40 anos de carreira, com o disco de rock mais vendido da história e uma legião de fãs. O AC/DC conquista pessoas de diversas gerações desde 1973, confira na página 10.

Queremos dizer, também, como o grande Synyster Gates, que "pinkisthe new black", ou melhor, que não são só os marmanjos que arrebatam no mundo dos solos, gritos e riffs. As mulheres têm conquistado seu espaço na história do rock, e botando muita boyband no chinelo.

Diante de tantos novos estilos que estão surgindo, escrevemos para rockeiros, metaleiros, headbangers, emos, punks ou apenas apreciadores do bom e velho rock n' roll, que, diferente do que muitos dizem, não está acabando e sim se adaptando às novas gerações. Esperamos que esta seja a primeira edição de muitas.

Anexo 10

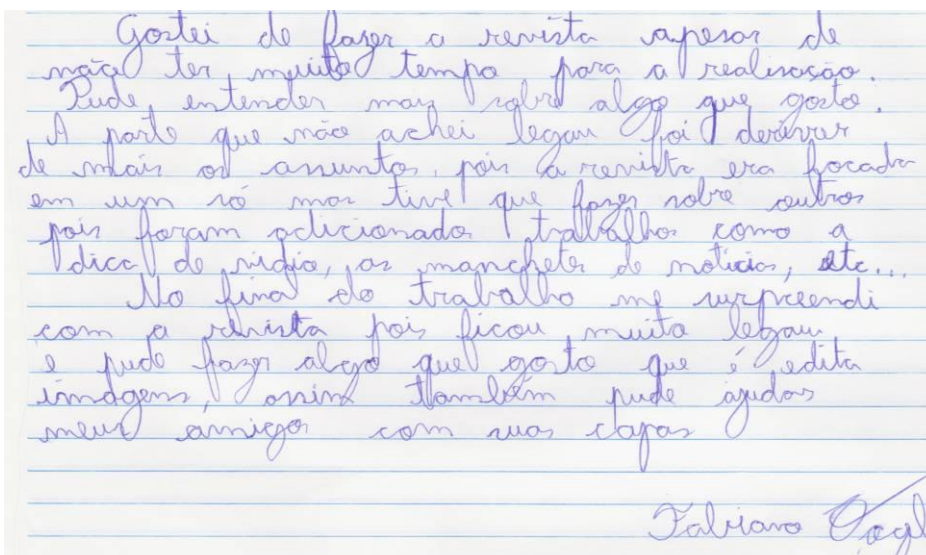
Componho o editorial deste mês sob a friagem intensa e rigorosa de Agosto... Hoje o dia está lindo, a luz que brilha ao amanhecer nesta época do ano é única e incomparável. O Sol tímido vai aos poucos surgindo em meio às montanhas aquecendo a cidade fria! Como de costume, nossa equipe está disposta a enfrentar qualquer obstáculo, e não foi o inverno que nos deixou de braços cruzados sem por a mão na massa e trabalhar, o resultado disso é o que você está segurando em suas mãos, estamos mais uma vez com a Sweet Glamour cheia de novidades que irão fazer vocês se esquentarem, e aproveitar ao máximo essa temporada de inverno.

Para começarmos bem, convido você leitor, a realizar a sua tão esperada Viagem dos Sonhos, um lugar romântico, gostoso e aconchegante, que irá fazer seu coração vibrar, com um roteiro preparado com muito carinho cheio de doçuras. Por falar em lugar gostoso e aconchegante, que tal ler um bom livro no sofá de sua casa? A edição deste mês lhe traz uma dica imperdível de leitura! Confira estas e muuuuuuitas outras matérias que vai deixar você ligadíssima no mundo da moda.

Depois de ler a Sweet Glamour tenho certeza de que você vai entender o porquê de nossa equipe gostar tanto do que faz, buscamos aperfeiçoar as reportagens para que fique impecável, ao seu nível. Mesmo que, para isso, seja preciso sair do lugar comum e batalhar por raios de sol ainda mais intensos do que os do inverno, afinal só você é capaz de transformar um dia triste de sua vida, em um dia claro, iluminado e muito mais feliz.

Um grande beijo.

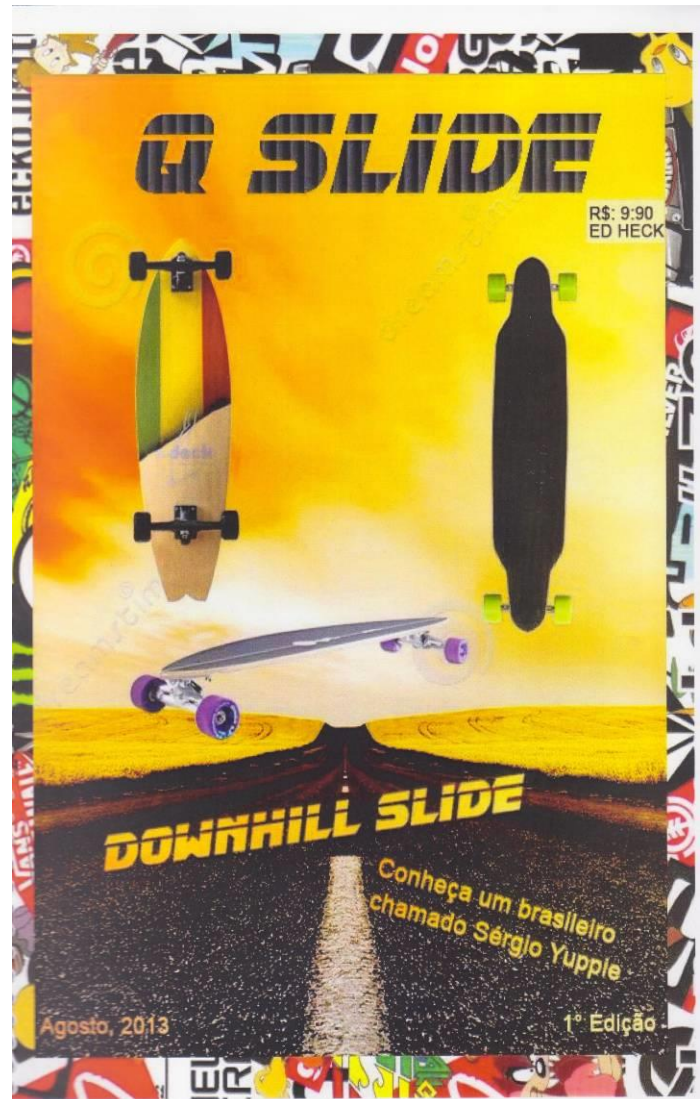
Anexo 11



Gostei de fazer a revista apesar de
não ter muito tempo para a realização.
Pude entender mais sobre algo que gosto.
A parte que não achei legal foi desbravar
de mais os assuntos, pois a revista era focada
em um só mas tive que fazer sobre outros
pois foram solicitados. Trabalho como a
dica de vida, as manchetes de notícias, etc...
No final do trabalho me surpreendi
com a revista pois ficou muito legal
e pude fazer algo que gosto que é editar
imagens, assim também pude ajudar
meus amigos com suas capas

Fabiano Ogl

Anexo 12



Anexo 13



Anexo 14

NÃO DEIXE QUE A VIDA PASSE EM VÃO

APENAS **4,99**

40 BATONS DO ROSA AO VERMELHO!

ACERTE NO BEIJO E FUJA DOS MICOS

Don't stop television!

PÔSTER GLEE
O ADEUS DE CORY

ESSE ROLO VAI VIRAR NAMORO?

ANO 2013 4ª EDIÇÃO EDITORA-MOD

Anexo 15

Amanda Caroline Botm n°: 4
Turma: 101

Revista Famosidades

Primeiramente achei que este trabalho valeu muito no meu aprendizado, tanto em português quanto em informática.

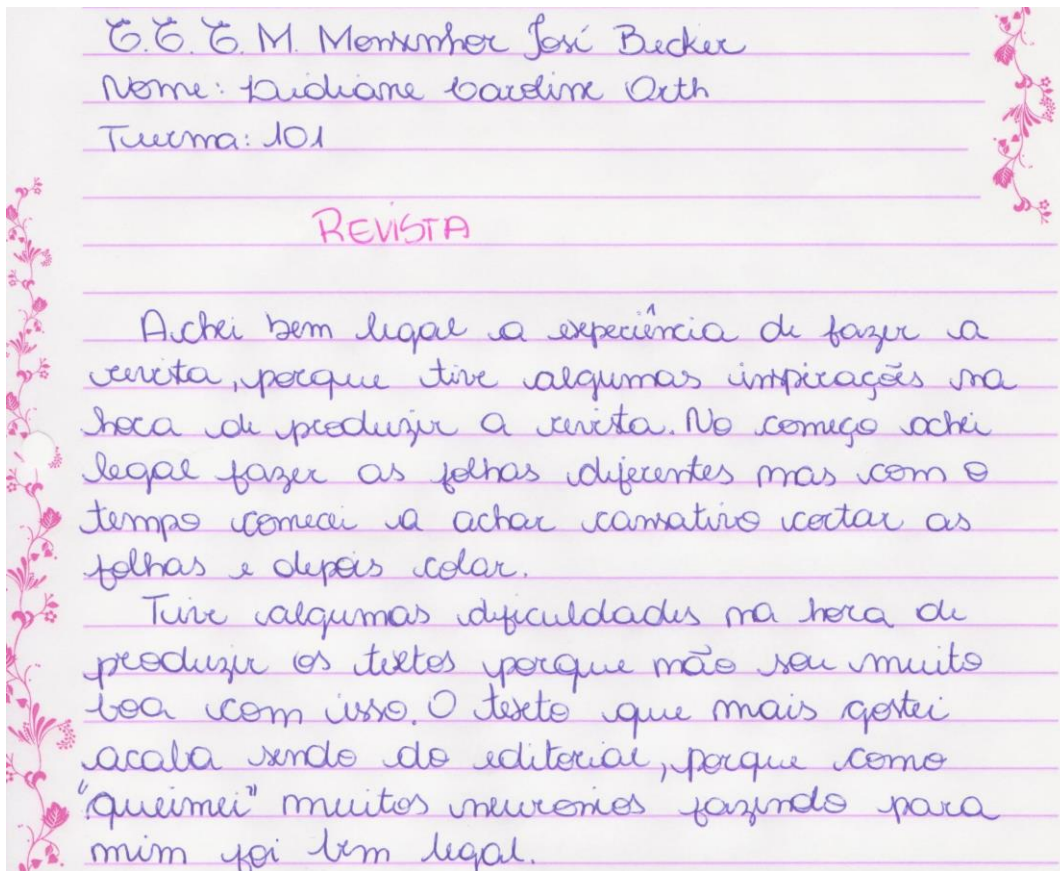
Passei várias noites em claro, cheei, me estressei (mão mego) mas foi tudo muito intenso. Dificuldades apareciam todo dia, toda hora, mas eu via ali um trabalho valioso, ficando do jeito que eu queria. Dinei de estudar para provas importantes para fazer a revista. Mas no final de tudo, valeu a pena o dinheiro gasto e o tempo do meu dia que usei para me dedicar a ela. É maravilhoso ver o seu trabalho pronto depois de tanto esforço.

Apreendi que se dedicar aos trabalhos, é o mais importante, pois ficamos felizes com o resultado.

Anexo 16

Gostei muito de produzir minha revista, tive alguns problemas como achar textos que eu gostasse e na entrevista pois a pessoa não se encontrava em RS. Apreendi a não deixar as coisas para ultima hora, e a ter mais capricho! Vi que sou capaz de produzir algo meu, que eu gosto tendo um pouco mais de esforço.

Anexo 17



Anexo 18





Anexo 19



**ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO
MONSENHOR JOSÉ BECKER**
Rua: Pio XII, 130 Centro
Bom Princípio/ RS
Fone/ fax: (51) 634-1038
E-mail: escmonsenor@yahoo.com.br

ATESTADO

Atestamos para fins de comprovação que não houve evasão no 1º
Ano do Ensino Médio, Turma 101, turno Tarde, no decorrer do ano letivo
em curso.

Bom Princípio, 25 de outubro de 2013.

R. Steffen
Rita Maria Steffen
Diretora
IDF 1571656/02

Anexo 20

Nome: *Matthew Klering Fussiger*

*Minha avó acha que estou boa para mim,
mas para o professor não, porque tem a
idéia que aprendemos, melhor tanto que eu
no minha avó e interessado por história com
muita coisa me chamou muito muito atenção.
O que foram feitas foi o assunto que fo-
deramos muito com muita dedicação depois
foi muito legal fazer. Minha mãe me ajudou
deu-me no momento do estudo o que eu
me lembro não, mas no final tudo de certo, mas
não tem mais coisa com que se possa ler,
mas para melhorar.*